

LIMA BARRETO

# Contos completos

*Organização e introdução*  
Lilia Moritz Schwarcz



Copyright © 2010 by Lilia Moritz Schwarcz

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Jeff Fisher

*Preparação*

Célia Euvaldo

*Revisão*

Angela das Neves

Márcia Moura

Ana Maria Barbosa

*Pesquisa e notas*

Lilia Moritz Schwarcz e Lúcia Garcia

*Transcrição dos manuscritos*

Marcelly Pedra Rezende

*Agradecimentos*

Luiz Antonio de Souza (Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça, Academia Brasileira de Letras)  
Vera Faillace (Seção de manuscritos, FBN)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Barreto, Lima, 1881-1922.

Contos completos / Lima Barreto ; organização e introdução  
Lilia Moritz Schwarcz. — São Paulo : Companhia das Letras,  
2010.

ISBN 978-85-359-1755-0

I. Contos brasileiros I. Schwarcz, Lilia Moritz. II. Título.

10-09893

CDD-869.93

---

Índice para catálogo sistemático:

I. Contos : Literatura brasileira 869.93

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

# Sumário

13 NOTA SOBRE O TEXTO

15 Introdução — *Lima Barreto: termômetro nervoso de uma frágil República*  
Lilia Moritz Schwarcz

55 AMPLIUS!

PARTE I — CONTOS PUBLICADOS, CONFORME SELEÇÃO DO AUTOR,  
COMO APÊNDICE DA 1<sup>a</sup> EDIÇÃO DA OBRA *TRISTE FIM DE POLICARPO*  
*QUARESMA, 1915*

63 A nova Califórnia

71 O homem que sabia javanês

80 Um e outro

89 Um especialista

98 O filho da Gabriela

109 Miss Edith e seu tio

121 Como o “homem” chegou

PARTE II — CONTOS PUBLICADOS, CONFORME SELEÇÃO DO AUTOR,  
NA OBRA *HISTÓRIAS E SONHOS*, 1ª EDIÇÃO, 1920 — ÚLTIMO LIVRO  
PUBLICADO EM VIDA POR LIMA BARRETO

- 141 O moleque
- 152 Harakashy e as escolas de Java
- 162 Congresso Pan-Planetário
- 166 Cló
- 177 Hussein Ben-Áli Al-Bálec e Miqueias Habacuc
- 188 *Agaricus auditae*
- 198 Adélia
- 202 O feiticeiro e o deputado
- 207 Uma noite no Lírico
- 212 Um músico extraordinário
- 218 A biblioteca
- 226 Lívia
- 230 Mágoa que rala
- 246 Clara dos Anjos
- 256 Uma vagabunda
- 260 A barganha
- 267 Uma conversa vulgar
- 272 Sua Excelência
- 275 A matemática não falha

PARTE III — CONTOS PUBLICADOS EM *OUTRAS HISTÓRIAS*, QUE INTE-  
GRAM A 2ª EDIÇÃO DE *HISTÓRIAS E SONHOS*, 1951

- 285 Por que não se matava
- 290 Ele e suas ideias
- 294 Numa e a ninfa
- 300 Uma conversa
- 302 A cartomante
- 304 O cemitério
- 306 Na janela
- 309 Despesa filantrópica
- 312 O caçador doméstico

- 315 Uma academia da roça
- 319 A mulher do Anacleto
- 321 Dentes negros e cabelos azuis
- 329 A doença do Antunes
- 334 A indústria da caridade
- 337 Casa de poetas (comédia em um ato)
- 347 Os negros (esboço de uma peça)

PARTE IV — CONTOS ARGELINOS QUE INTEGRAM A 2<sup>a</sup> EDIÇÃO DE  
*HISTÓRIAS E SONHOS*, 1951

- 355 S. A. I. Jan-Ghothe
- 358 El-Kazenadji
- 361 O juramento
- 363 A firmeza de Al-Bandeirah
- 365 O desconto
- 367 A solidariedade de Al-Bandeirah
- 369 O reconhecimento
- 371 O oráculo
- 373 A chegada
- 375 Um candidato
- 377 Um bom diretor
- 380 Os quatro filhos d'Aymon
- 383 A consulta
- 385 Que rua é esta?
- 387 Abertura do Congresso
- 390 Medidas de Sua Excelência
- 393 Uma anedota
- 395 A nova glória
- 397 Era preciso...
- 399 Faustino I
- 401 O rico mendigo
- 403 Projeto de lei
- 405 Firmeza política
- 407 Cincinato, o romano
- 409 O ideal

- 411 A fraude eleitoral
- 413 As teorias do dr. Caruru
- 416 O anel de Perdicas
- 418 O congraçamento
- 420 Nós! Hein?
- 422 Um debate acadêmico
- 424 Coisas parlamentares
- 426 Os Kalogheras
- 428 Conservou o fez
- 430 Arte de governar
- 432 O destino do Chaves
- 435 Uma opinião de peso
- 438 O poderoso dr. Matamorros
- 441 Um fiscal de jogo
- 443 Boa medida
- 445 Falar inglês
- 449 Manifestações políticas
- 451 Na avenida
- 453 Rocha, o guerreiro
- 454 Um do povo
- 456 Hóspede ilustre
- 458 Interesse público

PARTE V — CONTOS QUE INTEGRAM A 4<sup>a</sup> EDIÇÃO DA OBRA *VIDA E MORTE DE M. J. GONZAGA DE SÁ*, 1949

- 463 O falso dom Henrique v
- 472 Três gênios da secretaria
- 477 Manel Capineiro
- 480 Milagre de Natal
- 486 Foi buscar lá...
- 492 Um que vendeu a sua alma
- 495 Carta de um defunto rico
- 499 A sombra do Romariz
- 502 Quase ela deu o “sim”, mas...
- 507 O tal negócio de “prestações”

- 510 O meu Carnaval
- 513 Lourenço, o Magnífico
- 521 Fim de um sonho
- 524 Eficiência militar
- 527 O jornalista
- 532 O único assassinato de Cazuzu
- 537 O número da sepultura
- 546 O pecado

PARTE VI — OUTROS CONTOS (TEXTOS MANUSCRITOS COMPLETOS E INCOMPLETOS E CLASSIFICADOS COMO TAL)

- 551 Esta minha letra...
- 556 Apologética do Feio
- 560 A nova classe de cirurgiões
- 563 Babá
- 566 O peso da ciência
- 567 Mambembes
- 569 Meditações na janela
- 570 História de um soldado velho
- 572 O paladino
- 574 O diplomata dos símios
- 576 O general
- 578 A vingança (História de Carnaval)
- 580 O profeta e o bloco
- 583 Conversas
- 584 As fachadas
- 586 O jardim dos Caiporas
- 589 O domingo
- 590 O escravo
- 592 Os pedaços
- 593 Os subidas
- 594 Os subidas [2ª tira]
- 596 No tronco
- 597 O velho códice
- 599 A vida fluminense

- 600 O soneto
- 602 Opiniões do Gomensoro
- 604 A nota
- 607 A nota. A Caixa de Conversão
- 610 A conferência do dr. Assis Brasil
- 615 Dr. Fonseca
- 619 Dr. Pio Macieira
- 630 Maniápolis
- 632 O *restaurant* e os galeões do México
- 635 A ave estranha
- 636 A ave estranha [2ª versão]
- 638 O traidor
- 643 O 1º atestado
- 648 Lulu, mas não da Pomerânia
- 649 Bordejos
- 652 O povoamento do solo e a simplificação da linguagem
- 654 Um fato gravíssimo
- 656 Uma loteria com que sonho
- 658 Dr. Laranjinha
- 660 [Conto sem título]
- 663 Manoel de Oliveira
- 
- 667 OBRAS DE LIMA BARRETO
- 669 CRONOLOGIA
- 673 NOTAS
- 709 BIBLIOGRAFIA



# Amplius!<sup>69</sup>

*Amplius! Amplius!*

*Sim; sempre mais longe*

Como me parecesse necessário um prefácio para essa coletânea de contos e fantasias de várias épocas e coisas de minha vida, julguei-me no direito de republicar, à testa dela, as linhas que se seguem, com o título acima, editadas poucos meses depois do aparecimento do meu livro *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

Apareceram em um jornal de grande circulação da cidade do Rio de Janeiro, *A Época*,<sup>70</sup> e eu tive com elas o intuito de esclarecer o que poderia haver de obscuro em certas passagens dos meus humildes trabalhos. Trata-se agora de contos e coisas parecidas, mais do que nunca elas me parecem necessárias à boa inteligência do que a minha mão inábil quis dizer e não soube; e eu as transcrevo aqui, na suposição de que não são demais.

Ei-las como saíram em setembro de 1916:

Tendo publicado há poucos meses um livro, poderá parecer a alguns leitores que estas linhas se destinam a responder críticas feitas à minha humilde obra. Não há tal. Já não sou mais menino e, desde que me meti nessas coisas de letras, foi com toda a decisão, sinceridade e firme desejo de ir até ao fim.

Quem, como eu, logo ao nascer, está exposto à crítica fácil de toda gente, entra logo na vida, se quer viver, disposto a não se incomodar com ela.

A única crítica que me aborrece é a do silêncio, mas esta é determinada pelos invejosos impotentes que foram chamados a coisas de letras, para enriquecerem e imperarem. Deus os perdoe, pois afirma Carlyle<sup>71</sup> que “*men of letters are a perpetual priesthood*”.

De resto, todos os críticos só tiveram gabos para a minha modesta novela; e, se não fora alguns me serem quase desconhecidos, temeria que fossem inimigos disfarçados que conspirassem para me matar de vaidade.

A razão destas linhas é outra, muito outra, e eu explico já.

A emoção do recebimento de uma carta anônima só me foi dado experimentar ultimamente. Muitas dessas coisas banais da vida têm-me chegado assim tardiamente e algumas, pouco corriqueiras, antes do tempo normal aos outros.

A carta era anônima, mas absolutamente não era injuriosa.

Vinha escrita em linda letra e eu tenho pena em não acreditá-la feminina, pois se fosse meteria uma inveja doida aos galantes dos cinemas e maxixes da moda, linda gente feita de pedacinhos de mulheres feias.

Não tive portanto a emoção da carta anônima, pois a missiva era cortês, fazendo, sobre o meu *Policarpo*, reparos sagazes e originais.

Simpatizei tanto com o escrito que não pude furtar-me ao desejo de responder, de qualquer forma que pudesse, ao desconhecido autor.

É o que pretendo fazer aqui.

Apesar de toda a inteligência que ressuma das palavras que a epístola contém, não me parece que o autor estivesse, em certos quarteirões, muito fora das modas de ver da nossa retórica usual.

Percebi que tem de estilo a noção corrente entre leigos e... literatos, isto é, uma forma excepcional de escrever, rica de vocábulos, cheia de ênfase e arrebiques, e não como se o deve entender com o único critério justo e seguro: uma maneira permanente de dizer, de se exprimir o escritor, de acordo com o que quer comunicar e transmitir.

Como não tocasse de frente em tal questão, deixo de parte semelhante ponto e reservo uma resposta mais ampla, detalhada para qualquer crítico ulterior. Veremos, então, se Descartes tem ou não estilo; e se Bossuet<sup>72</sup> é ou não um estilo.

O que, porém, me faz contestar o meu amável correspondente anônimo, é a sua insistência em me falar na Grécia, na Hélade sagrada etc., etc.

Implico solenemente com a Grécia, ou melhor: implico solenemente com

os nossos cloróticos gregos da Barra da Corda e pançudos helenos da praia do Flamengo (vide banhos e mar).

Sainte-Beuve<sup>73</sup> disse algures que, de cinquenta em cinquenta anos, fazíamos da Grécia uma ideia nova. Tinha razão.

Ainda há bem pouco o senhor Teodoro Reinach, que deve entender bem dessas coisas de Grécia, vinha dizer que Safo não era nada disso que nós dela pensamos; que era assim como Mme. Sevigné.<sup>74</sup> Devia-se interpretar a sua linguagem misturada de fogo, no dizer de Plutarco, como uma pura exaltação da mulher. A poesia sáfica seria, em relação à mulher, o que o diálogo de Platão é em relação ao homem. Houve escândalo.

Não é este o único detalhe, entre muitos, para mostrar de que maneira podem variar as nossas ideias sobre a velha Grécia.

Creio que, pela mesma época em que o senhor T. Reinach lia, na sessão das cinco Academias reunidas, o resultado das suas investigações sobre Safo, se representou na Ópera, de Paris, um drama lírico de Saint-Saëns — *Djanira*.<sup>75</sup> Sabem os leitores como vinham vestidos os personagens? Sabem? Com o que nós chamamos nas casas das nossas famílias pobres — colchas de retalhos. Li isto em um folhetim do senhor P. Lalo, no *Temps*.

Esta modificação no trajar tradicional dos heróis gregos, pois se tratava deles no drama, obedecia a injunções das últimas descobertas arqueológicas. O meu simpático missivista pode ver por aí como a sua Grécia é, para nós, instável.

Em matéria de escultura grega, podia eu, com o muito pouco que sei sobre ela, epilogar bastante. É suficiente lembrar que era regra admitida pelos artistas da Renascença que, de acordo com os preceitos gregos, as obras esculturais não podiam ser pintadas.

É que eles tinham visto os mármore gregos lavados pelas chuvas; entretanto, hoje, segundo Max Collignon,<sup>76</sup> está admitido que as frisas do Partenon eram coloridas.

A nossa Grécia varia muito e o que nos resta dela são ossos descarnados, insuficientes talvez para recompô-la como foi em vida, e totalmente incapazes para nos mostrar ela viva, a sua alma, as ideias que a animavam, os sonhos que queria ver realizados na Terra, segundo os seus pensamentos religiosos.

Atermo-nos a eles, assim variável e fugidia, é impedir que realizemos o nosso ideal, aquele que está na nossa consciência, vivo no fundo de nós mesmos, para procurar a beleza em uma carcaça cujos ossos já se fazem pó.

Ela não nos pode mais falar, talvez nem mesmo balbuciar, e o que nos tinha a dar já nos deu e vive em nós inconscientemente.

Como se vê, o meu correspondente está preso a ideias mortas; e, em matéria de novela, por certas notações que faz, à minha, se não está jungida a um pensamento morto, deixou-se prender por uma generalização que a experiência do gênero não legitima.

Estranha o meu inesperado correspondente que o meu modesto livro fuja à questão de amor; não seja ela o eixo do livro. Mas, caro senhor, essa questão nunca foi primordial no romance.

Nem os antigos, nem os modernos. Nem nos franceses, nem nos espanhóis. Se o senhor me cita *Dáfnis e Cloé*, eu cito o *Satiricon*; se o senhor me cita a *Princesse de Clèves*, eu lhe apresento *Lazarillo de Tormes*.<sup>77</sup>

Nos grandes mestres modernos, Balzac, Tolstói, Turguêniev, Dostoiévski, quase sempre o amor é levado para o segundo plano; e essa sua generalização de que o primordial do romance, e seu característico, por assim dizer, é tratar de uma aventura de amor, é tão verdadeira e necessária como aquela regra das três unidades, em matéria de drama e tragédia, de que os críticos antigos faziam tanta questão, citando Aristóteles, que nunca a tinha estabelecido.

Parece-me que o nosso dever de escritores sinceros e honestos é deixar de lado todas as velhas regras, toda a disciplina exterior dos gêneros, e aproveitar de cada um deles o que puder e procurar, conforme a inspiração própria, para tentar reformar certas usanças, sugerir dúvidas, levantar julgamentos adormecidos, difundir as nossas grandes e altas emoções em face do mundo e do sofrimento dos homens, para soldar, ligar a humanidade em uma maior, em que caibam todas, pela revelação das almas individuais e do que elas têm em comum e dependente entre si.

A literatura do nosso tempo vem sendo isso nas suas maiores manifestações, e possa ela realizar, pela virtude da forma, não mais a tal beleza perfeita da falecida Grécia, que já foi realizada; não mais a exaltação do amor que nunca esteve a perecer; mas a comunhão dos homens de todas as raças e classes, fazendo que todos se compreendam, na infinita dor de serem homens, e se entendam sob o açoitado da vida, para maior glória e perfeição da humanidade.

É ideal dos nossos dias que é ainda beleza a palpitar nas suas mais altas manifestações espirituais; e não, como o meu correspondente pensa, o ressurgimento de concepções desaparecidas, de que só conhecemos poucas e raras manifesta-

ções exteriores, que só podem entorpecer a marcha da nossa triste humanidade para uma exata e mais perfeita compreensão dela mesma.

Não desejamos mais uma literatura contemplativa, o que raramente ela foi; não é mais uma literatura plástica que queremos, a encontrar beleza em deuses para sempre mortos, manequins atualmente, pois a alma que os animava já se evoluiu com a morte dos que os adoravam.

Não é isso que os nossos dias pedem; mas uma literatura militante para maior glória da nossa espécie na terra e mesmo no Céu.

O meu correspondente acusa-me também de empregar processos de jornalismo nos meus romances, principalmente no primeiro.

Poderia responder-lhe que, em geral, os chamados processos do jornalismo vieram do romance; mas mesmo que, nos meus, se dê o contrário, não lhes vejo mal algum, desde que eles contribuam por menos que seja para comunicar o que observo; desde que possam concorrer para diminuir os motivos de desinteligência entre os homens que me cercam.

Se conseguirem isso, por pouco que seja, dou-me por satisfeito, pois todos os meios são bons quando o fim é alto; e já Brunetière<sup>78</sup> me disse que o era, ao sonhar em esforçar-me, na medida das minhas forças, para fazer entrar no patrimônio comum do espírito dos meus contemporâneos, consolidando pela virtude da forma tudo o que interessa o uso da vida, a direção da conduta e o problema do nosso destino.

E, como ele queria, assim como querem todos os mestres, eu tento também executar esse ideal em uma língua inteligível a todos, para que todos possam chegar facilmente à compreensão daquilo a que cheguei através de tantas angústias. No mundo, não há certezas, nem mesmo em geometria; e, se alguma há, é aquela que está nos Evangelhos: amai-vos uns aos outros.

Para atingir tão alto escopo, tudo serve; e, como são Francisco Xavier, todos nós, que andamos em missão entre hindus, separados em castas hostis, entre malaios ferozes e pérfidos, entre japoneses que se guerreiam feudalmente; todos nós, dizia eu, só devemos ter a divisa do Santo: "Amplius! Amplius!". Sim; sempre mais longe!

PARTE I  
CONTOS PUBLICADOS, CONFORME SELEÇÃO DO  
AUTOR, COMO APÊNDICE DA 1<sup>a</sup> EDIÇÃO DA OBRA  
*TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA, 1915*

## A nova Califórnia<sup>79</sup>

### I

Ninguém sabia donde viera aquele homem. O agente do Correio pudera apenas informar que acudia ao nome de Raimundo Flamel, pois assim era subscrita a correspondência que recebia. E era grande. Quase diariamente, o carteiro lá ia a um dos extremos da cidade, onde morava o desconhecido, sope-sando um maço alentado de cartas vindas do mundo inteiro, grossas revistas em línguas arrevesadas, livros, pacotes...

Quando Fabrício, o pedreiro, voltou de um serviço em casa do novo habitante, todos na venda perguntaram-lhe que trabalho lhe tinha sido determinado.

— Vou fazer um forno, disse o preto, na sala de jantar.

Imaginem o espanto da pequena cidade de Tubiacanga, ao saber de tão extravagante construção: um forno na sala de jantar! E, pelos dias seguintes, Fabrício pôde contar que vira balões de vidro, facas sem corte, copos como os da farmácia — um rol de coisas esquisitas a se mostrarem pelas mesas e prateleiras como utensílios de uma bateria de cozinha em que o próprio diabo cozinhasse.

O alarme se fez na vila. Para uns, os mais adiantados, era um fabricante de moeda falsa; para outros, os crentes e simples, um tipo que tinha parte com o tihoso.

Chico da Tirana, o carreiro, quando passava em frente da casa do homem misterioso, ao lado do carro a chiar, e olhava a chaminé da sala de jantar a fumar, não deixava de persignar-se e rezar um “credo” em voz baixa; e, não fora a intervenção do farmacêutico, o subdelegado teria ido dar um cerco à casa daquele indivíduo suspeito, que inquietava a imaginação de toda uma população.

Tomando em consideração as informações de Fabrício, o boticário Bastos concluíra que o desconhecido devia ser um sábio, um grande químico, refugiado ali para mais sossegadamente levar avante os seus trabalhos científicos.

Homem formado e respeitado na cidade, vereador, médico também, porque o doutor Jerônimo não gostava de receitar e se fizera sócio da farmácia para mais em paz viver, a opinião de Bastos levou tranquilidade a todas as consciências e fez com que a população cercasse de uma silenciosa admiração à pessoa do grande químico, que viera habitar a cidade.

De tarde, se o viam a passear pela margem do Tubiacanga, sentando-se aqui e ali, olhando perdidamente as águas claras do riacho, cismando diante da penetrante melancolia do crepúsculo, todos se descobriam e não era raro que às “boas noites” acrescentassem “doutor”. E tocava muito o coração daquela gente a profunda simpatia com que ele tratava as crianças, a maneira pela qual as contemplava, parecendo apiedar-se de que elas tivessem nascido para sofrer e morrer.

Na verdade, era de ver-se, sob a doçura suave da tarde, a bondade de Messias com que ele afagava aquelas crianças pretas, tão lisas de pele e tão tristes de modos, mergulhadas no seu cativeiro moral, e também as brancas, de pele baça, gretada e áspera, vivendo amparadas na necessária caquexia dos trópicos.

Por vezes, vinha-lhe vontade de pensar qual a razão de ter Bernardin de Saint-Pierre gasto toda a sua ternura com Paulo e Virgínia e esquecer-se dos escravos que os cercavam...

Em poucos dias a admiração pelo sábio era quase geral, e não o era unicamente porque havia alguém que não tinha em grande conta os méritos do novo habitante.

Capitão Pelino, mestre-escola e redator da *Gazeta de Tubiacanga*, órgão local e filiado ao partido situacionista, embirrava com o sábio. “Vocês hão de ver, dizia ele, quem é esse tipo... Um caloteiro, um aventureiro ou talvez um ladrão fugido do Rio.”

A sua opinião em nada se baseava, ou antes, baseava-se no seu oculto des-



peito vendo na terra um rival para a fama de sábio de que gozava. Não que Pelino fosse químico, longe disso; mas era sábio, era gramático. Ninguém escrevia em Tubiacanga que não levasse bordoadada do capitão Pelino, e mesmo quando se falava em algum homem notável lá no Rio, ele não deixava de dizer: “Não há dúvida! O homem tem talento, mas escreve: ‘um outro’, ‘de resto’...”. E contraía os lábios como se tivesse engolido alguma coisa amarga.

Toda a vila de Tubiacanga acostumou-se a respeitar o solene Pelino, que corrigia e emendava as maiores glórias nacionais. Um sábio...

Ao entardecer, depois de ler um pouco o Sotero, o Cândido de Figueiredo ou o Castro Lopes, e de ter passado mais uma vez a tintura nos cabelos, o velho mestre-escola saía vagarosamente de casa, muito abotoado no seu paletó de brim mineiro, e encaminhava-se para a botica do Bastos a dar dois dedos de prosa. Conversar é um modo de dizer, porque era Pelino avaro de palavras, limitando-se tão somente a ouvir. Quando, porém, dos lábios de alguém escapava a menor incorreção de linguagem, intervinha e emendava. “Eu asseguro, dizia o agente do Correio, que...” Por aí, o mestre-escola intervinha com mansuetude evangélica: “Não diga ‘asseguro’, senhor Bernardes; em português é garanto”.

E a conversa continuava depois da emenda, para ser de novo interrompida por uma outra. Por essas e outras, houve muitos palestradores que se afastaram, mas Pelino, indiferente, seguro dos seus deveres, continuava o seu apostolado de vernaculismo. A chegada do sábio veio distraí-lo um pouco da sua missão. Todo o seu esforço voltava-se agora para combater aquele rival, que surgia tão inopinadamente.

Foram vãs as suas palavras e a sua eloquência: não só Raimundo Flamel pagava em dia as suas contas, como era generoso — pai da pobreza — e o farmacêutico vira numa revista de específicos seu nome citado como químico de valor.

## II

Havia já anos que o químico vivia em Tubiacanga, quando, uma bela manhã, Bastos o viu entrar pela botica adentro. O prazer do farmacêutico foi imenso. O sábio não se dignara até aí visitar fosse quem fosse e, certo dia, quando o sacristão Orestes ousou penetrar em sua casa, pedindo-lhe uma esmola para a